

# O TEATRO INVISÍVEL EM UM EVENTO CIENTÍFICO: O CASO DA MÍSTICA NO CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA

Bruno Carlos Hayata<sup>1</sup>  
Roberto Donato da Silva Júnior<sup>2</sup>

## Resumo

A agroecologia pode ser compreendida como uma ciência e movimento social que, buscando resgatar saberes e práticas ancestrais, propõe uma outra relação entre o ser humano e o meio ambiente, diferente dos modelos preconizados pela agricultura moderna e a Revolução Verde. Nesse sentido, o chamado diálogo de saberes surge como um paradigma epistêmico capaz de articular conhecimento científico e as diferentes culturas tradicionais. O objetivo deste artigo é investigar o diálogo de saberes agroecológico a partir da observação do Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA), tomando como cena principal a mística de abertura do evento. Prática comumente associada ao teatro, mas também aos ritos herdados de lideranças religiosas ligadas à Teologia da Libertação, a mística constitui um importante elemento de formação da identidade do grupo dos sem-terra. Assim, neste artigo são retratados, a partir de um relato etnográfico, alguns dos principais momentos e personagens envolvidos na *performance* de teatro invisível planejado e executado para dar início ao congresso. Conclui-se que a mística revela as disputas políticas presentes no diálogo de saberes agroecológico, atuando como importante elemento de resistência dos movimentos sociais rurais.

Palavras-chave: agroecologia, mística, *performance*.

## The invisible theater in a scientific event: the case of *mística* in brazilian congress of agroecology

### Abstract

Agroecology can be understood as a science and social movement that, seeking to rescue ancestral knowledge and practices, proposes another relationship between the human being and the environment, different from the models advocated by modern agriculture and the Green Revolution. In this sense, the so-called knowledge dialogue emerges as an epistemic paradigm capable of articulating scientific knowledge and the different traditional cultures. The objective of this article is to investigate the knowledge dialogue in agroecology from the observation of the Brazilian Congress of Agroecology (CBA), taking as main scene the *mística*, in the opening of the event. A practice commonly associated with theater, but also with rites inherited from religious leaders linked to Liberation Theology, *mística* is an important element in forming the identity of the landless group. Thus, in this article are portrayed, from an ethnographic account, some of the main moments and characters involved in the invisible theater performance planned and executed to open the congress. It is concluded that *mística* reveals the political disputes in the agroecological knowledge dialogue, acting as an important element of resistance of rural social movements.

Keywords: agroecology, *mística*, performance.

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas pela Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas (FCA-UNICAMP), Especialização em Fundamentos da Cultura e das Artes pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (IA-UNESP), graduado em Comunicação Social pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e graduando em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). E-mail: [brunohayata@gmail.com](mailto:brunohayata@gmail.com).

<sup>2</sup> Professor Doutor da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), atuante no Núcleo Geral Comum (NGC), Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) e Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Sociedade do Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (NEPAM-IFCH). E-mail: [robertod@unicamp.br](mailto:robertod@unicamp.br).

## Introdução

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa de dissertação<sup>3</sup> realizada entre os anos de 2016 e 2019 na Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas (FCA-UNICAMP). Na ocasião busquei compreender o chamado diálogo de saberes agroecológico, problematizando a suposta harmonia<sup>4</sup> intersubjetiva tão celebrada pelos teóricos e pensadores da agroecologia. Para tanto, escolhi como ponto de partida uma situação que pudesse expor, a uma só vez, toda a complexidade e, em certa medida, todo o conflito político que subjaz na agroecologia. É dessa forma que o X Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA), realizado em setembro de 2017, e, em específico, a sua cerimônia de abertura, surge como a cena principal dessa investigação etnográfica que reúne ciência, arte e política. Para tanto, recorri à observação participante e às entrevistas abertas<sup>5</sup>, apresentando a fala<sup>6</sup> de alguns dos principais personagens envolvidos na construção de uma mística no formato de teatro invisível. Ainda, este texto também tem como inspiração os próprios afetos<sup>7</sup> provocados em mim pela minha participação no congresso. Assim, é preciso, antes

---

<sup>3</sup> O texto apresentado neste artigo é uma adaptação, sobretudo, do último capítulo e das considerações finais da dissertação.

<sup>4</sup> Nomes importantes da agroecologia, como Francisco Caporal, admitem que esta disciplina se distanciaria do modelo convencional de ciência cartesiana, isso pois seria capaz de aproximar os saberes históricos dos agricultores e o conhecimento científico. O pensamento complexo, que Caporal (2009, p.19) empresta de Morin, proporcionaria à agroecologia uma abordagem holística, uma vez que ao “[...] reconhecer que nas relações do homem com outros homens e destes com o meio ambiente, estamos tratando de algo que requer um novo enfoque paradigmático, capaz de unir os conhecimentos de diferentes disciplinas científicas, com os saberes tradicionais.”

<sup>5</sup> Rosana Guber (2001) entende que, enquanto enfoque, a etnografia “[...] é uma concepção e prática de conhecimento que busca compreender os fenômenos sociais da perspectiva de seus membros (entendidos como 'atores', 'agentes' ou sujeitos sociais)” (p.11, tradução nossa) O seu elemento diferencial será a descrição, o “como algo se apresenta para o outro”, e a boa descrição será aquela que não interpreta de forma etnocêntrica, ou seja, substituindo os pontos de vista, valores e razões do investigado por aqueles do investigador. Comparado com os procedimentos de outras ciências sociais o trabalho de campo etnográfico se caracteriza pela sua falta de sistematicidade. Nesse sentido, a observação participante seria o método de se obter informação na etnografia, não possuindo, entretanto, uma fórmula específica, sendo esta a sua grande qualidade: “A observação participante consiste em duas atividades principais: observar sistemática e controladamente tudo o que acontece em torno do investigado, e participar em uma ou várias atividades da população” (p.56, tradução nossa) A entrevista etnográfica, por sua vez, não visaria informar sobre o mundo de como são as coisas, mas ela mesma, por sua performatividade, permitiria o encontro de diferentes reflexividades na qual uma nova reflexividade seria produzida: “A entrevista é uma estratégia para fazer com que as pessoas falem sobre o que sabem, pensam e creem, uma situação na qual uma pessoa (o investigador entrevistador) obtém informação sobre algo interrogando a outra pessoa (entrevistado, respondente, informante). (p.75, tradução nossa).

<sup>6</sup> Todos os nomes citados ao longo do artigo são fictícios, buscando preservar a identidade e o sigilo das informações coletadas nas entrevistas.

<sup>7</sup> Participar, argumenta a antropóloga Favret-Saada (2005), não deve ser confundido com sentir empatia, pois este sentimento ainda pressupõe o distanciamento. Trata-se, por outro lado, de ocupar realmente determinado lugar e expor-se aos mesmos *afetos* que aqueles aos quais se investiga. Em suas palavras, “[...] quando se está em um tal lugar, é-se bombardeado por intensidades específicas (chamemo-las de afetos), que geralmente não são significáveis. Esse lugar e as intensidades que lhe são ligadas têm então que ser experimentados: é a única maneira de aproximá-los.” (p.159)

de tudo, apresentar rapidamente do que se trata tanto a agroecologia como a mística.

A agroecologia, enquanto disciplina científica, parte daquilo que Gliessman (2002) chama de agroecossistema, ou seja, um ecossistema voltado para a produção agrícola. A busca pelo equilíbrio entre os diversos elementos desse sistema ao mesmo tempo em que se garante a produção de alimentos é apenas um dos objetivos da agroecologia, que também reforça a ideia de que é necessário pensar a partir dos saberes tradicionais que há milênios vêm garantindo a sobrevivência das comunidades ao redor do mundo, sem que exista uma relação predatória com o meio ambiente. Nesse sentido, a agroecologia faz conjugar, de maneira revolucionária, a questão da soberania alimentar com a preservação ambiental, o que a torna um importante instrumento de defesa para os diversos grupos sociais prejudicados pela agricultura moderna representada pelo agronegócio. (ALTIERI, 2012; GLIESSMAN, 2002; LEFF, 2002; SEVILLA-GUZMÁN, 2001)

No caso do Brasil são os movimentos sociais que parecem carregar a bandeira da agroecologia (BORSATTO; CARMO, 2013; DE' CARLI, 2013). O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), um dos maiores protagonistas da divulgação agroecológica enquanto antagonista ao agronegócio, reforça que, de seu ponto de vista, a agroecologia deve ser mais do que produzir de forma saudável, mas também deve cuidar do meio ambiente e de todos os elementos presentes nele, garantindo a soberania sobre as sementes e valorizando os conhecimentos dos povos tradicionais (MST, 2018). A agroecologia se destaca por uma tentativa constante de quebrar a hierarquia existente entre o conhecimento científico e os saberes tradicionais. Como demonstram Santos e Curado (2012), em publicação editada pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), a evolução do conhecimento agroecológico requer a construção de um diálogo efetivo entre todos os conhecimentos, sejam eles oriundos dos técnicos e cientistas ou dos agricultores.

Um olhar em profundidade para o problema do diálogo de saberes agroecológico nos conduz, portanto, para um quadro social complexo e, por muitas vezes, ambíguo, isso pois, se por um lado é possível perceber um esforço epistemológico muito grande por parte dos teóricos em tentar aproximar saberes e fazeres historicamente distintos, existe uma dimensão ontológica que põe em questão toda uma suposta harmonia intersubjetiva. Assim, a cultura técnico-científica, no contexto agroecológico, passa a

negociar sentidos e significados com uma grande diversidade de sujeitos, sejam eles os camponeses, os quilombolas ou outros povos genericamente compreendidos como “tradicionais”. É possível dizer, dessa maneira, que a construção do conhecimento agroecológico se faz a partir de mediações potencialmente conflituosas: o que acontece quando a pretensa racionalidade da ciência se depara com um repertório simbólico que, no mais das vezes, é atravessado por expressividades e afetividades que remetem ao mais profundo da experiência humana? Talvez as chamadas místicas sejam um dos melhores exemplos para se pensar os limites dessa relação epistêmico-ontológica do diálogo de saberes agroecológico.

É muito comum presenciar nos encontros agroecológicos uma prática que se assemelha a um teatro popular, geralmente abrindo ou encerrando o evento, denunciando a violência da histórica luta pela terra no Brasil e exaltando o poder da mobilização popular. Trata-se do momento da mística, uma tradição cultural do MST. Coelho (2011, p.237) afirma: “Essa prática é realizada nos mais variados espaços como nos acampamentos, assentamentos, em Encontros, Congressos e nas diversas manifestações que o MST organiza. Em geral é praticada em forma de teatro, contendo músicas, poesias e diversos elementos simbólicos em seu interior.” É possível notar a grande energia investida nas místicas, o que já demonstra a importância dessa atividade, que pode ser tanto planejada por uma grande coletividade de pessoas como ocorrer de forma espontânea nos mais diversos ambientes em que os militantes se encontrem reunidos.

Ademar Bogo (2003), poeta e intelectual do MST, afirma que a mística seria um tipo de motivação para os militantes dos movimentos sociais, conferindo energia para vencer a luta. Seria, portanto, um tipo de expressão das razões que mantém o indivíduo firme em sua convicção, animando a ideia de um outro mundo possível: “[...] sem mística na vida cotidiana, perdemos a alegria, a vibração, o interesse e a motivação de viver. Sem mística na luta, perdemos a vontade, a combatividade, a criatividade e o amor pela causa.” (p.150) O significado da mística, para o pensador, seria a representação do mistério, porém, no contexto do MST, seria também essa força que permite resistir em nome de uma causa coletiva. Buscar compreender os mistérios da mística constitui uma tarefa difícil, pois essa prática suscita “[...] reações que acontecem sem sabermos de onde se originam e nem porque se manifestam com maior intensidade em uns, e menos em outros.” (p.151)

Caldart (2000, p.133) justifica que é difícil explicar a mística porque o seu significado “[...] não se expressa tanto em palavras, mas muito mais em símbolos e emoções. Na própria palavra está contido o limite de compreensão: mística quer dizer *mistério*, ou seja, se for completamente desvelada perderá a essência do seu sentido.” Assim, quando a dimensão dos teóricos fica frente a frente com a mística encenada por corpos marcados por suas vivências é que podemos perceber o que está em jogo no diálogo epistêmico-ontológico entre diferentes identidades. É nesse sentido, portanto, que neste texto buscarei tomar a mística como a cena principal de uma investigação acerca do diálogo de saberes agroecológico. Ou seja, pretendo pensar o diálogo de saberes a partir da perspectiva da mística, o que demanda um olhar para os *possíveis sentidos* que essa prática pode adquirir sob as diferentes subjetividades implicadas na relação.

### Cenas de uma performance teatral no X Congresso Brasileiro de Agroecologia

Para não incomodar a visão das pessoas ao meu redor, por conta do tripé e da câmera<sup>8</sup> que carrego comigo, ocupo um assento na ponta de uma das primeiras fileiras do maior auditório do Centro de Convenções Ulysses Guimarães, em Brasília, rebatizado de “Ipê Amarelo” para a ocasião do X CBA. Na programação geral consta como atividade das 8:30 da manhã a mística de abertura, chamada “Memórias da Agroecologia”. Porém, como é de se esperar para eventos dessa natureza, existe antes o cerimonial que oficializa o início do congresso.

Um casal de jovens cerimonialistas assume a fala no canto esquerdo do grande palco e inicia os protocolos de apresentação. A mulher diz: “*Sejam todos muito bem-vindos à capital do Brasil! Este é o maior país da América Latina, e aqui nos orgulhamos muito de ser um país moderno e rural, tendo a maior parte do nosso Produto Interno Bruto (PIB) sustentado pelo agronegócio.*” Uma voz da plateia, revoltada com essa apresentação, e abafada pelos microfones potentes dos cerimonialistas, se pronuncia: “*Como assim!?*”. Ouvem-se outros protestos timidamente, aqui e ali. O homem, então, continua: “*Recordista na exportação de carne, soja,*

---

<sup>8</sup> Conforme destaquei no início do texto, este trabalho é o resultado de uma experiência etnográfica que buscou, entre outras referências, recuperar o sentido dos diversos atores sociais por meio da observação participante e de entrevistas abertas. Recursos como o registro audiovisual (fotografias e vídeos) foram utilizados apenas como fonte secundária de consulta, não recebendo o necessário tratamento teórico disponível na literatura da antropologia da imagem.

*milho, algodão, café e telenovelas, o Brasil agora entra na competição para se tornar um campeão na agroecologia!"*

Bastou a palavra "agroecologia" surgir para que alguns entusiastas quebrassem momentaneamente o murmurinho, permitindo que a mulher prosseguisse: *"Agro-eco-logia. Eis aqui uma das principais lições que damos para o mundo, que aquilo que existe de mais moderno também pode andar de braços dados com as nossas raízes e tradições!"*

*"Palhaçada!"*, grita uma voz da plateia, e as vaias voltam em cena. O cerimonialista emenda: *"E assim convidamos a todas e todos a participarem dos nossos intensos debates e intercâmbio, visando a oportunidade de negócios que se abrirão no decorrer do nosso congresso!"* Em seguida a parceira prossegue: *"Esperamos que este seja um espaço de convívio e conciliação entre as grandes corporações do agronegócio, as ONGs e os movimentos sociais. Aqui, todos estamos juntos e contagiados pelo sentimento de progresso do Brasil!"*

As vozes da plateia já não se contêm, e é possível distinguir claramente a opinião dos espectadores. *"Que progresso é esse!?"*, *"O agronegócio mata!"* e tantas outras mensagens são direcionadas ao par, mas também àqueles que, ingenuamente ou não, compactuaram e aplaudiram por algum momento o discurso. Nesse ponto a revolta toda se concatena em um único grito, que, acompanhando a temperatura política do momento, acaba resvalando no pedido de saída do presidente do Brasil, o *"Fora Temer!"*<sup>9</sup>.

Com dificuldade para retomar a palavra o homem continua: *"As páginas mais tristes da nossa história já foram viradas definitivamente, e uma nova era tem início, visando, no horizonte, a convergência entre o trabalho e o capital!"* Complementando a fala anterior a mulher anuncia: *"Agora, o capitalismo já está convicto de que a agroecologia é um grande nicho de mercado. Hoje é o consumidor que decide o que comer e de quem comprar!"* De forma irônica, e respondendo à plateia enraivecida, os cerimonialistas comentam entre si de que o congresso já

---

<sup>9</sup> Partindo do esquema de drama social de Turner, Ribeiro (2016) traz uma interessante radiografia do que foi o turbulento cenário político que se instaurou a partir do Impeachment da presidenta Dilma Rousseff (PT), no ano de 2016. A fase de ruptura nesse drama político brasileiro se dá ainda no ano de 2015, quando o vice-presidente Michel Temer se ausenta de seus compromissos institucionais com a presidenta Dilma, afirmando ser um "vice decorativo" em uma carta amplamente divulgada, e que selou definitivamente o seu posicionamento antagônico dali em diante. Ao ser empossado como presidente interino, em 12 de maio de 2016, Temer acaba por deflagrar a reação da presidenta que, afastada por 180 dias, percorre o Brasil em campanha política para evitar a decisão final pelo impeachment, o que fomentou o movimento do "Fora Temer!".

começou de forma “animada”, e declaram aberto o VI Congresso Latino-Americano de Agroecologia. Surpreendentemente as palmas e as vaias se equivalem em altura, o que provoca a estranha sensação de que o universo da agroecologia é mais complexo do que qualquer observação rápida poderia supor.

Figura 1 – Telão do auditório



Fonte: Acervo pessoal

Os dois telões suspensos dos lados do palco principal começam a projetar fragmentos de vídeos e fotografias. O primeiro deles retrata a então senadora Kátia Abreu<sup>10</sup> discursando sobre os desafios de se vencer o MST, o código florestal e os indígenas. O próximo recorte traz os movimentos sociais entoando um grito de ordem. A contraposição seguinte não dá trégua ao embate proposto e mostra o então deputado Jair Bolsonaro ameaçando o MST, para o qual o cartão de visitas deveria ser um “cartucho de 762”. Em oposição, entra em cena um protesto indígena marchando por Brasília, seguido por centrais sindicais e pela Marcha das Margaridas<sup>11</sup>, e culminando em uma imagem do espelho d’água

<sup>10</sup> Como explica Prado (2018), a senadora Kátia Abreu é uma das principais figuras do ruralismo brasileiro e do agronegócio. Em um primeiro momento atuante na atividade pecuária, depois no sindicalismo, e, por fim, na política, Kátia Abreu, de acordo com o pesquisador, promove a manutenção dos interesses dos grandes proprietários de terra por meio de uma legitimação racional-legal, transitando entre diferentes grupos sociais, como o dos católicos, das mulheres parlamentares, outros senadores e empresários ligados ao agronegócio.

<sup>11</sup> A Marcha das Margaridas, de acordo com Aguiar (2016), se trata de um movimento de mulheres do campo e da floresta, sendo realizada na forma de caminhada. Esse movimento nasce de uma articulação coordenada pelo Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR), da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), envolvendo diversas outras organizações e entidades. Sua primeira edição remonta ao ano 2000, e, desde então, passou a ocorrer a nível nacional a cada quatro anos. O nome da marcha remete à líder sindical rural

do congresso nacional tomado por manifestantes, que correm desesperadamente das bombas e da truculência dos policiais.

Outras manifestações são resgatadas, sendo que, em comum, todas são reprimidas de forma violenta pelas forças policiais e têm suas pautas omitidas pela mídia. O grito da vez que se estampa no telão, até que este seja desligado, é: *"Polícia é pra ladrão, queremos terra e pão!"*. De volta ao palco, uma das militantes da agroecologia traça um paralelo entre a sua própria experiência e a memória do movimento, enfatizando a dificuldade de se resumir trinta anos de lutas em três minutos:

A árvore da agroecologia é muito antiga, de cerne grosso e forte. No mundo afora ela foi mantida viva por estudos e registros de incansáveis e determinados admiradores. No Brasil, que é onde começa essa história, nas décadas de setenta e oitenta, no auge de uma grande estiagem social, cultural, educacional e muitos outros "al". Nesse período uma pequena gema agroecológica começou a despertar nesse tronco dessa antiga árvore. Durante a década de noventa e os anos dois mil, esse pequeno broto foi crescendo, crescendo e lentamente sendo cultivado por alguns que perceberam a beleza e o valor desta planta. Logo um grande e vigoroso galho destacou-se no velho e forte tronco. Chamou a atenção de muitos que ainda não haviam percebido essa força e esse vigor. Agora intempéries severas novamente chegaram, e ameaçam o jovem e formoso galho agroecológico. E aí, o que fazer? Nesse momento precisamos mais do que nunca estar juntos. Juntos, fortes, alegres e felizes, cantando juntos uma canção antiga que diz: "é preciso estar atento e forte, não temos tempo pra temer, e sim pra fazer acontecer". Um grande mutirão pra proteger e fortalecer esse formoso galho que de teimoso há de vencer. Eco é tudo. Eco é forte. Fora Temer! (MÍSTICA DE ABERTURA, 2017)<sup>12</sup>

Terminado o discurso, um dedilhado de violão anuncia um novo momento. Vozes em meio à multidão pedem terra, pão e paz. Algumas pessoas da plateia se erguem, provocando os demais espectadores a se questionar acerca de toda a cena que haviam visto até então. Aquilo tudo seria, de fato, a agroecologia? Foi preciso que alguns poucos denunciasses os termos praticados pelo agronegócio, em uma tentativa, de certa forma angustiante, de fazer abrir os olhos daqueles para os quais o "espetáculo" não apresentava nenhuma contradição aparente. Uma das mulheres gritava: *"a nossa indignação é a nossa força, a nossa indignação*

---

Margarida Maria Alves, assassinada no ano de 1983 por conta de sua intensa militância em favor dos trabalhadores rurais.

<sup>12</sup> Trecho extraído da encenação da mística de abertura ocorrida no X CBA, em Brasília – DF, 2017.

O teatro invisível em um evento científico

*é o que nos move!*", e conclamava os presentes a levantarem-se das cadeiras.

Figura 2 – Movimentos tomam o palco



Fonte: Acervo pessoal

Assim, os espectadores, então de pé, recebem os movimentos sociais rurais, que, entoando a canção "Axé – Irá Chegar", ocupam todo o palco central, formando uma grande muralha de pessoas, bandeiras, cores e gestos de luta. São camponeses, estudantes, homens, mulheres, jovens e velhos. A emocionante tomada do plano principal dos acontecimentos narrados aqui atinge o seu clímax quando dois militantes declamam a poesia "Os homens da Terra", de Vinícius de Moraes, seguidos pela elucidativa fala de um terceiro, que parece resumir bem a razão de ser dos movimentos sociais naquele congresso:

A caminhada até aqui foi longa, mas não foi de quilômetros. A caminhada aqui foi longa porque é uma caminhada de gerações. E nós não estamos aqui somente por nós. Estamos aqui porque a agroecologia tem sujeito, tem sujeita, tem gente. Porque a agroecologia tem lado. Porque a agroecologia tem o cheiro, a cor e o sabor da terra. Porque a agroecologia tem o cheiro, a cor e o suor do trabalhador e da trabalhadora. Estamos aqui porque pela vida da terra necessitamos de agroecologia. Pela vida da terra, a agroecologia! Pela vida da terra, a agroecologia! Pela vida da terra, a agroecologia! (MÍSTICA DE ABERTURA, 2017)<sup>13</sup>

<sup>13</sup> Ibidem.

Gritos de ordem explodem em profusão e enquanto os movimentos se dispersam do palco ainda é possível ouvir outros mais, em um gesto que parece aproveitar a ocasião e o palco, dando visibilidade aos diferentes sujeitos e pautas, uma vez que não é apenas o MST a tremular a sua bandeira, mas também outros movimentos sociais<sup>14</sup>.

## O teatro invisível

O cerimonial de abertura *foi* a mística. Evidentemente, em certa altura daquela apresentação não restavam dúvidas de que se tratava de uma cena armada. Por muito tempo, porém, aquele muito bem alinhavado jogo discursivo provocou exatamente aquilo que pretendia, ou seja, expôs as contradições inerentes à agroecologia, como ficou patente na aceitação, por boa parte do público, daquela fala antagônica às bandeiras agroecológicas.

Eu havia chegado cerca de meia hora antes do cerimonial na esperança de captar a movimentação dos *performers*. Me aproximei de algumas pessoas que pareciam estar preparando-se em frente ao palco para a execução de uma atividade, e me identifiquei, buscando por um dos contatos que me indicaram às vésperas do início do evento. O professor Ricardo, um dos responsáveis pela concepção daquela mística, me segredou ali mesmo, antes da encenação, que se trataria de um teatro invisível.

O teatro invisível, de acordo com Augusto Boal (2013), consiste em representar uma cena não no teatro convencional, mas em um lugar qualquer, e diante de pessoas que não são um público espectador. Essas pessoas serão escolhidas acidentalmente, e durante toda a *performance* não deverão saber que se trata de uma cena, sob o risco de transformarem-se em espectadores. Os atores, por sua vez, devem preparar-se para incorporar até mesmo a interação com o pseudo público. Diz o teatrólogo: “O teatro invisível deve ‘explodir’ em um determinado local de grande afluência de pessoas. Todas as pessoas próximas devem ser envolvidas pela explosão, e os efeitos desta muitas vezes perduram

---

<sup>14</sup> Em meio às bandeiras do MST está a bandeira da CONTAG, que foi reconhecida em 1964 como a primeira entidade sindical do campo. Nos anos da ditadura militar essa entidade fez parte dos inúmeros movimentos sociais que lutaram a favor da democratização brasileira. (CONTAG, 2019). Além do MST e CONTAG também foi possível verificar a presença de militantes do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). Foschiera (2010) explica que as organizações dos atingidos por barragens surgem no final da década de 1970, fazendo oposição aos projetos desenvolvimentistas defendidos pelo governo federal em sua demanda crescente por energia, o que significou a construção de inúmeras usinas hidrelétricas. De forma semelhante ao MST, o MAB deve muito de sua história aos setores progressistas da Igreja, e também à aproximação de entidades como a Central Única dos Trabalhadores (CUT).

até depois de muito tempo de terminada a cena” (p.150). A ideia aqui é, portanto, a de que o espectador possa atuar livremente, como se tudo que estivesse acontecendo diante de si fosse mais um episódio de seu cotidiano, ou seja, real.

Assim, quando liguei a minha câmera eu já sabia exatamente para onde apontá-la. O controverso discurso dos cerimonialistas, a ordem das intervenções e o momento da entrada dos movimentos sociais, tudo já era por mim esperado. Teria eu sido tomado pela mesma surpresa que o desavisado público espectador caso não tivesse tido conhecimento de que se tratava de uma grande “farsa”? Seja qual for a resposta para essa pergunta, o fato é que tal situação me permitiu olhar com mais atenção para a reação escandalizada de alguns e a condescendência de outros.

A criação da mística de abertura do evento foi, em si, um palco de disputas políticas, como foi possível perceber a partir da fala do professor Ricardo, que explicou que o coletivo responsável pela elaboração da mística atua na educação do campo utilizando-se do teatro e da produção audiovisual, colocando como protagonistas as comunidades rurais e os quilombolas. Os participantes desse coletivo, em sua maioria estudantes de licenciatura e também de teatro político, aceitaram o convite feito pela organização do evento, porém, como lembra o professor, sem saber, de início, da necessidade de falar sobre o tema do congresso, ou seja, da memória da agroecologia. Assim, a primeira proposta apresentada pelo coletivo foi predominantemente crítica à agroecologia, marcando o posicionamento dos movimentos sociais.

Houve resistência da organização do evento, e as diversas representações governamentais e ONGs *podem* ter tido um importante papel em refratar o discurso crítico à agroecologia. O professor me explica que o roteiro apreciado por um dos coordenadores do evento foi elogiado, ainda que tenha sido apontado como “tenso” e “forte”. Porém os demais membros da coordenação “puxaram o freio”, questionando a pertinência de tal proposta bem na abertura do congresso, e cogitando a sua alocação para o meio da semana, como um ato político, mas não como o cerimonial principal. Nesse meio tempo outro grupo teria sido convidado para colaborar com a produção de uma nova mística. A proposta, muito mais “academicista”, teria consternado os movimentos sociais incumbidos anteriormente da tarefa:

la ser um pouco isso, assim, sem representações de segmentos sociais diversos, sem camponeses, como se os responsáveis por desenvolver a memória e portar a memória fossem só os pesquisadores né? E aí os movimentos deram bronca lá na reunião. O pessoal da reunião ficou assustado porque não tem muita experiência com isso, grandes eventos, e ficou com medo da mística ser um fiasco e aí decidiram voltar atrás e chamar a gente. (RICARDO)

O roteiro original, porém, já não podia contar com os estudantes anteriormente escalados, devido à escassez do tempo. Entra em cena, então, a Brigada Marighela. Criada em 2014, trata-se de um bloco de militantes de diversos estados que atuam com agitação e propaganda em espaços como escolas públicas, universidades, estações de metrô e até mesmo outros lugares mais hostis aos movimentos sociais. Assim, a Brigada Marighela foi convocada para a mística do CBA e aceitou prontamente. O ensaio da dupla de apresentadores, conta o professor, foi feito de maneira extremamente rápida, entre o sábado e a segunda-feira seguinte. A questão mais difícil dos ensaios, porém, teria sido a de assimilar as técnicas necessárias para retomar o contato com a classe trabalhadora, e é nesse sentido que operaria o teatro invisível.

A escolha pelo teatro invisível não foi pacífica. O professor cita o caso de uma antiga militante do MST para a qual a mística teria “começado mal” ao induzir o público do CBA a acreditar que era o agronegócio que abria o evento. Porém, a escolha por esse recurso, pontua Ricardo, não deixaria dúvidas quanto aos seus efeitos. A ironia presente no discurso dos cerimonialistas, associada às imagens projetadas no telão, seguida pelas falas da militância agroecológica e culminando com a ocupação do palco principal pelos movimentos sociais não teria outro resultado possível senão a conscientização para o problema levantado: “[...] a intenção principal do teatro invisível era mostrar como a nossa sensibilidade conjuntural-cognitiva é vulnerável ao fato de que aquilo poderia ser verdade.” (RICARDO)

Eliana e Sílvia, discentes em um curso de licenciatura em Educação do Campo, e Alexandre, estudante de uma Escola Familiar Agrícola, todos do norte do estado de Minas Gerais, me forneceram as primeiras impressões acerca da mística, ainda contagiados pelo calor do momento. Sílvia afirma: “*Eu acho que a mística, ela traz muito forte esse sentimento do produtor rural, sabe? Daquele velhinho lá, no cantinho... Ele não tem aquela força de falar, de ir até um público de falar né? Enquanto o jovem tem esse entusiasmo também né?*” Porém, ainda que esse pequeno grupo vivenciasse a

mística como uma experiência do cotidiano, o teatro invisível pegou todos de surpresa:

Sílvia falou: "Como é que a gente tá num negócio de agroecologia e eles tão falando de agronegócio?" Aí eu olhei: "Sílvia, calma, é mística!" Aí eu... E eu tava assim, confusa também... Eu falei: "É mística, não é!? É a mística, eu tenho certeza que é a mística!" Aí depois nós estávamos... Tudo tão real, aí do nada eles tão falando, aí saem e todo mundo vaiando. Aí chega o cara com o violão e do nada aparece aqueles dois meninos falando. Eu falei: "É a mística gente!" Aí na hora que esses dois começou a levantar e falar da situação política, que a gente não podia aceitar aquilo né, então eles estavam trazendo essa representação, mostrando que o que as pessoas tentam fazer né? O poder que a linguagem tem, a comunicação tem, de transmitir e colocar na cabeça da gente algo que eles querem, não o que a gente pensa [...] Assim, muitas pessoas igual nós, assim, ficou em dúvida: "Ah então é pra isso, pra pensar? A gente tá num congresso de agroecologia, se vocês tão falando, tá bom né, se for pra pensar né?". Aí depois que eles vieram contradizendo, você vê que é uma mística. Então, muita gente eu acho que pode ter até ficado assim: "Meu Deus e eu tava batendo palma só por bater porque tão ali na frente falando né? Então você vê como o poder daquela pessoa que tá ali em cima faz com que a gente bata palma por uma coisa que a gente não quer, mas se tem alguém ali falando a gente pensa né? (ELIANA)

Na narrativa de Eliana fica claro o quanto aqueles primeiros momentos provocaram uma enorme tensão no público do auditório. O congresso de agroecologia, enquanto evento legitimador do discurso agroecológico, é percebido como a "verdade" do que seja essa ciência: "[...] *A gente tá num congresso de agroecologia, se vocês tão falando, tá bom né, se for pra pensar né?*" Também é revelador que boa parte do público tenha pensado exatamente nessa perspectiva evidenciada por Eliana: "[...] *Então você vê como o poder daquela pessoa que tá ali em cima faz com que a gente bata palma por uma coisa que a gente não quer, mas se tem alguém ali falando a gente pensa né?*" O "lugar ali em cima", mais do que espaço físico, talvez seja justamente o espaço da legitimidade discursiva da ciência. Assim, enquanto o movimento de desvelamento das contradições não se efetivava, reinava soberana a voz dessa agroecologia cientificizada.

A obediência do pensamento à autoridade agroecológica pode ser o próprio reconhecimento da ciência enquanto portadora da verdade. Foucault (2011) explica que a verdade não existe fora do

poder ou sem ele. A verdade, para o filósofo, seria algo pertencente ao próprio mundo, e produzida a partir de coerções, onde cada sociedade teria o seu próprio regime de verdade, estabelecendo as instituições, os mecanismos, os instrumentos e as instâncias capazes de validar o que é verdadeiro e o que não é. Na sociedade contemporânea ocidental a economia política da verdade seria centrada no discurso científico e em suas instituições legitimadoras. Esse discurso, por sua vez, seria atravessado por necessidades políticas e econômicas, constituindo-se tanto como objeto de consumo mas também como objeto de debate político e confronto social. Em síntese: “A ‘verdade’ está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem. ‘Regime’ de poder” (FOUCAULT, 2011, p.14).

O teatro invisível parece ter operado precisamente nessa evidenciação do regime de poder que vem sendo disputado em torno da verdade agroecológica, como bem esclarecido pela fala do professor Ricardo: “[...] *A gente não queria produzir um discurso ingênuo, e a gente sabia que a composição do congresso é uma composição não necessariamente homogênea, quer dizer, tem disputa interna, tem disputa de posição, tem disputa de interesse.*” Nesse sentido, ao revestir-se do valor de verdade, o discurso científico, apropriado por determinados agentes, como o agronegócio, tende a ser instrumentalizado politicamente. As palmas para essa agroecologia moderna, competitiva e voltada para o progresso expõem, a uma só vez, a heterogeneidade dos atores agroecológicos e o poder que o discurso científico pode ter também na neutralização de um pensamento crítico. O constrangimento do aplauso foi, portanto, *necessário* para fazer sentir a contradição não evidente que tensiona a todo momento a agroecologia, enquanto ciência e movimento social. Prosseguindo na minha conversa com o grupo, Silvia respondeu o seguinte à fala de Eliana:

Realmente eu não entendi assim, eu falei: “Meu Deus, o que que eu tô caçando aqui, num congresso de agroecologia falando de agronegócio!? Não acredito!” Porque assim, a minha comunidade, a gente vive de muitas práticas agroecológicas, sabe? Tanto pra preservar o meio ambiente quanto também pra gente se sustentar né? Então assim, eu fiquei indignada... Aí a Eliana: “Não, isso é a mística!” Aí assim, a hora que aquelas pessoas, elas entraram né? Com aquele canto assim, os meninos recitando aquilo lá... Aqueles meninos estavam expressando o que aquele povo todo que vinha com aquelas bandeiras, cantando aquelas músicas, queria dizer.

Entendeu? Então assim, eu acho que os meninos eles foram bem assim, falaram de uma forma bem forte que conseguiu mostrar pro povo sobre a agroecologia, a importância da agroecologia, a importância de lutarmos pelos nossos direitos, a importância dos movimentos sociais: estar engajado nos movimentos sociais pra conseguir algo. (SILVIA)

A subida dos movimentos sociais naquele plano superior do grande auditório, cada um com a sua bandeira, parece ter provocado mais do que o efeito mágico, e salvacionista que tão frequentemente se associa às místicas. No contexto agroecológico se trata claramente da marcação de uma posição, que parece querer mostrar que os movimentos sociais devem protagonizar o projeto político da agroecologia, como exemplifica a colocação de Silvia: “[...] Falaram de uma forma bem forte que conseguiu mostrar pro povo sobre a agroecologia, a importância da agroecologia, a importância de lutarmos pelos nossos direitos, a importância dos movimentos sociais: estar engajado nos movimentos sociais pra conseguir algo.” E não parece existir qualquer ingenuidade quanto à percepção dos meus interlocutores, mas, pelo contrário, o congresso agroecológico é compreendido como um lugar de representação do poder, que deve ser disputado palmo a palmo pelos movimentos sociais.

### Mística e resistência política na agroecologia

Assim, ao que tudo indica, existe uma compreensão de que a heterogeneidade da agroecologia não se faz de maneira necessariamente harmoniosa, de tal modo que o sem-terra não se vê politicamente identificado com os demais atores dessa ciência que até mesmo se aproximaria perigosamente do “sistema hegemônico”. A mística, nesse sentido, é uma prática que diz respeito a uma raiz identitária profunda do sem-terra, que a partir de elementos simbólicos rememora as suas origens: algumas representações podem não possuir sentido algum para o indivíduo comum, a não ser o estético, mas para o militante se trata de evocar práticas do cotidiano que reforçam o seu sentimento de pertencimento ao grupo, como explica João, um dos *performers* e militante sem-terra: “A mística, ela, pro MST, ela é como se fosse um alimento, um fermento pra luta cotidiana, e é uma representação da nossa luta diária também. A gente usa muito isso pra alimentar a alma, alimentar o espírito de luta e tudo mais.”

Na fala de João também é possível perceber o quanto a mística diz respeito a uma certa forma de ação no mundo que aproxima

os indivíduos de uma mesma comunidade, não sendo uma *performance* para ser apreciada do ponto de vista de um público espectador, enquanto entretenimento: “*Pra gente, a gente não interpreta como um teatro, mas quem vê de fora, quem não é de movimento social acha que é apenas algo teatral. Mas ali é para além do teatro, de verdade, é como eu falei, é algo que é... Que faz parte da gente mesmo, do espírito de luta cotidiana que a gente tem.*”

O palco daquele imponente centro de convenções pode ser comparado ao *establishment*, e entre oferecer uma “apresentação bonita” diante de uma plateia, sob o risco de criar uma peça de teatro, ou marcar um posicionamento político firme e contra hegemônico, nada melhor do que *intervir* causando uma fissura na ordem estabelecida. Palco e mística não combinam, e a distância entre os *performers* e parte do público é física, mas também simbólica. Os signos aparecem trocados e a incompreensão revela o quanto a agroecologia está distante dessa realidade de grupo coeso. Existe uma disputa política acerca de quem protagoniza os rumos da agroecologia, se os movimentos sociais ou uma casta técnico-científica, e isso se torna mais evidente a partir da observação da mística.

O palco, enquanto símbolo do poder de quem possui a fala, não foi utilizado para uma mística, mas, ao contrário, foi *ocupado* pelos movimentos sociais. Assim, o que para um determinado grupo poderia ser um momento de exaltação do diálogo de saberes, para o outro surge como uma preciosa oportunidade de reafirmar que essa ciência tem um lado: “[...] *Estamos aqui porque a agroecologia tem sujeito, tem sujeita, tem gente. Porque a agroecologia tem lado. Porque a agroecologia tem o cheiro, a cor e o sabor da terra. Porque a agroecologia tem o cheiro, a cor e o suor do trabalhador e da trabalhadora.*” (MÍSTICA DE ABERTURA, 2017)<sup>15</sup>

O que esteve em jogo o tempo todo, da concepção da mística até a sua encenação, foi uma disputa por posições dentro da agroecologia. Portanto, a mística do CBA revela a face política do diálogo de saberes, que, longe de se estabelecer por meio de um pacto intersubjetivo harmonioso, deve ser compreendido enquanto um complexo jogo de forças, onde a tensão reflexiva, no sentido compreendido por Beck<sup>16</sup> (2011), entre ciência e movimento social

---

<sup>15</sup> Trecho extraído da encenação da mística de abertura ocorrida no X CBA, em Brasília – DF, 2017.

<sup>16</sup> De acordo com o sociólogo alemão, o papel da ciência na sociedade de risco seria contraditório, adquirindo um sentido triplo: a ciência seria a *causadora* dos perigos, ao mesmo tempo em que os

surge a todo instante. Refletindo sobre a retórica agroecológica, Sílvia, a educadora do campo, questiona: “*O quê que esse povo fica aqui reunindo só falando?*” Não parece ser uma crítica gratuita. Existe um embate entre uma dimensão teórica e outra prática, onde o sujeito do campo, em sua vivência, encontra-se diante de uma autoridade científica que legitima o discurso agroecológico.

A dura crítica de Gerhardt (2014), que compreende existir, na narrativa agroecológica, uma assimetria entre os diferentes atores implicados, com larga vantagem para o agroecólogo, parece ganhar eco nas situações aqui relatadas. De maneira similar, Lara Sousa e Maria Garavello (2015) também afirmam que apesar de o diálogo de saberes ser um consenso para o desenvolvimento rural sustentável, o que se vê na prática dos serviços de extensão rural é um modelo de ensino-aprendizagem verticalizado, onde os saberes tradicionais são desvalorizados perante o conhecimento técnico-científico. Essencialmente, portanto, é possível dizer que a mensagem transmitida pela mística do CBA foi a de que sem os movimentos sociais a agroecologia fica refém de interesses político-econômicos. É necessário dar à agroecologia uma “cara de povo”.

Como lembra o professor Ricardo, a organização do evento resistiu ao roteiro crítico e até mesmo considerou permitir um ato político em outro momento menos solene. Mas que tipo de memória seria resgatada se não houvesse a presença dos movimentos sociais em marcha? Possivelmente o público seria brindado com uma narrativa academicista, muito mais pobre do ponto de vista da representatividade sociocultural: “*la ser um pouco isso, assim, sem representações de segmentos sociais diversos, sem camponeses, como se os responsáveis por desenvolver a memória e portar a memória fossem só os pesquisadores né?*” (RICARDO)

O que se viu não foi apenas a tentativa de desconstrução de uma memória *sem sujeito*, mas, pelo contrário, a ocupação do palco de abertura pelos movimentos sociais deixou o recado de que mais urgente do que o resgate do passado, é preciso posicionar-se no presente contra o ataque silencioso daqueles que pretendem se apropriar do discurso agroecológico.

## O CBA e a ideia de uma comunidade agroecológica

---

*definiria* e buscaria soluções para *eliminar-los*. Portanto, os *riscos* seriam codefinidos, coproduzidos e co-solucionados pela ciência.

Foram quatro dias de muitas palestras, manifestações políticas, música, arte e compartilhamento de saberes e de sabores. Para quem já foi em um congresso agroecológico é bem recorrente a sensação de ter visitado algo que se aproxima mais de um grande festival de arte do que um evento científico qualquer. O CBA se constitui como um espaço de crítica permanente, onde a estrutura da hierarquia social é posta à prova pela narrativa do diálogo de saberes. Nesse sentido, a transgressão social, que inverte papéis e expõe os jogos de opressão e submissão, é a regra, e não a exceção.

A questão é que o congresso agroecológico, enquanto evento institucional, parece propor uma narrativa de igualdade entre os indivíduos, sustentando a ideia de que por debaixo dos diferentes papéis sociais e os seus respectivos saberes subjaz uma grande comunidade em harmonia. Esse fato, contudo, não impede que alguns sujeitos sejam sensíveis à conflitualidade presente nas relações intersubjetivas, a exemplo do professor Ricardo, que, junto aos movimentos sociais, soube mobilizar a diferença política e operacionalizá-la para os propósitos da mística de abertura.

Uma maneira possível de se problematizar a ideia de comunidade agroecológica pode ser encontrada no conceito de *communitas*<sup>17</sup>, que, de acordo com Turner (2013), seria uma forma de relação entre indivíduos concretos, históricos e idiossincráticos, porém não estruturados ou segmentados de acordo com diferentes funções sociais: “[...] Juntamente com este confronto direto, imediato e total de identidades humanas, existe a tendência a ocorrer um modelo de sociedade como uma *communitas* homogênea e não estruturada, cujas fronteiras coincidem idealmente com as da espécie humana.” (p.127) Assim, o que está em jogo, para essa forma de relação social, é o rompimento com a estrutura em seus papéis evidentes:

Para mim, *communitas* preserva a distinção individual – não é uma regressão à infância, não é emocional, não é uma “fusão” em fantasia. Nos relacionamentos estruturais e sociais, as pessoas são, por

---

<sup>17</sup> É preciso destacar, neste ponto, que o resgate teórico do conceito de *communitas*, não teve o objetivo, neste estudo, de dar forma ou delimitar definitivamente o que venha a ser uma “comunidade agroecológica”, que, como se vê nos exemplos e falas aqui tratados, está em constante transformação, de acordo com os diferentes sentidos negociados pelos diversos atores. Contudo, a partir do conceito de *communitas*, é possível oxigenar a reflexão acerca das intencionalidades que alimentam uma ideia de agroecologia enquanto grupo ou “comunidade”. Portanto, acrescento uma ressalva acerca do uso, aqui, da antropologia de Turner, que, se não deve ser seguida à risca enquanto modelo de comportamento social para a agroecologia, pode, ao menos, e com muito maior ganho, apontar para a riqueza de tudo aquilo que escapa do plano conceitual e ganha vida nos corpos e afetos experienciados ao longo do exercício etnográfico.

vários aspectos abstratos, generalizadas e segmentadas em papéis, status, classes, sexos culturais, divisões em faixas etárias convencionais, afiliações étnicas, etc. As pessoas foram condicionadas a atuar em diferentes papéis sociais para cada tipo de situação social. E, desde que “se mostrem” obedientes ao conjunto de normas que controla os diferentes compartimentos do complexo modelo conhecido como “estrutura social”, não importa quão bem ou mal encenem esses papéis. (TURNER, 2015, p.62)

Contudo, a *communitas*, explica o antropólogo, não significa a extinção total da estrutura social, sendo até muito suscetível a ela, na medida em que é impossível que se mantenha espontânea por muito tempo sem que, com isso, não acabe convertendo-se em estrutura normativa. A forma espontânea de *communitas* valorizaria um tipo de honestidade pessoal, caracterizando-se pela abertura e pela falta de presunção nas relações: “[...] Sentimos que é importante nos relacionarmos diretamente com o outro da forma como ele se apresenta no aqui e agora, para compreendê-lo de um modo simpático [...] livre dos obstáculos definidos culturalmente por seu papel, status, reputação, classe, casta, sexo ou outro nicho estrutural.” (TURNER, 2015, p.65)

Essa forma espontânea, porém, talvez ainda não seja a mais adequada para se compreender o tipo de *communitas* que floresce no congresso agroecológico. Turner (2015) descreve que a *communitas* ideológica, por sua vez, opera de tal forma que os indivíduos vivenciam a experiência comunal, já recorrendo à linguagem e à cultura para mediar os imediatismos anteriores: “[...] Alguns desses conjuntos de conceitos teóricos podem ser expandidos e concretizados num modelo ‘utópico’ de sociedade, em que todas as atividades humanas seriam empreendidas no nível de *communitas* espontânea.” (p.66) Não seria o diálogo de saberes uma prescrição de funcionamento de uma sociedade ideal, na qual, independentemente de sua origem e do seu lugar no mundo, existe uma equivalência entre você e o outro? Esse modelo de igualdade, levado à repetição na “*communitas* agroecológica”, parece fortalecer um tipo de normatividade, ainda que essa norma se estabeleça justamente na diferença. O antropólogo diz:

A *communitas* ideológica consiste simultaneamente numa tentativa de descrição de efeitos externos e visíveis – a forma exterior, poder-se-ia dizer – de uma experiência interior da *communitas* existencial, e numa tentativa de enunciar claramente as condições sociais ótimas nas quais seria lícito esperar que essas experiências floresçam e se multipliquem. A *communitas* ideológica e a normativa já se situam

ambas dentro do domínio, da estrutura. É o destino de toda *communitas* espontânea na história sofrer aquilo que muitas pessoas consideram um “declínio e queda” na estrutura e na lei. (TURNER, 2013, p.128)

Assim, o diálogo de saberes<sup>18</sup> parece buscar a comunhão entre os indivíduos que se encontram estruturalmente distantes e distintos, tornando-se mandamento para a comunidade agroecológica. O tipo de *performance* evidenciada pelas místicas aqui observadas, porém, sugere que a tensão raramente se resolve para a conformação total da comunidade. As diferenças continuam a ser evocadas, e não no sentido pretendido pelo diálogo de saberes, mas, muito provavelmente, para reforçar um tipo de posicionamento político no qual a revelação dos binômios excluídos/incluídos, oprimidos/opressores etc., é imprescindível para o bom funcionamento da crítica.

Turner (2015) argumenta que enquanto a *communitas* tende para a inclusão: “[...] alguns podem chama-la de ‘generosa’ –, a estrutura social tende a ser exclusiva, esnobe até, deleitando-se na distinção entre nós/eles, incluídos/excluídos, alto/baixo, superiores/subordinados. Esse impulso a inclusão leva ao proselitismo. O sujeito quer transformar os *outros* em *nós*.”

Sem pretender alargar demais o conceito, é possível dizer que o congresso agroecológico seja, ele mesmo, uma grande mística<sup>19</sup> ou um ritual que, ao menos enquanto dura, possibilita e insinua outras formas de vida possíveis, provocando um recorte na estrutura de poderes, e fortalecendo a reflexividade agroecológica. Portanto,

---

<sup>18</sup> Para Leff (2002, p.37), a agroecologia se constitui por sua “[...] constelação de conhecimentos, técnicas, saberes e práticas dispersas que respondem às condições ecológicas, econômicas, técnicas e culturais de cada geografia e de cada população.” A unificação destes saberes e práticas não se daria, segundo o autor, pelo viés científico, mas localmente, em cada condição histórica e em suas respectivas teorias e práticas. Algumas linhas adiante, o autor prossegue alertando que os saberes agroecológicos “se forjam na interface entre as cosmovisões, teorias e práticas”, assim, configurando um novo paradigma produtivo, chamado de *ecotecnológico*, onde a produtividade natural se combina com as técnicas que potencializam a capacidade produtiva dos sistemas de forma sustentável e ecológica. De acordo com o autor, “A Agroecologia convoca a um diálogo de saberes e intercâmbio de experiências; a uma hibridação de ciências e técnicas, para potencializar as capacidades dos agricultores; a uma interdisciplinaridade, para articular os conhecimentos ecológicos e antropológicos, econômicos e tecnológicos, que confluem na dinâmica dos agroecossistemas.” (p.42)

<sup>19</sup> Aqui é preciso desfazer ao menos uma possível contradição. Ora, se o lugar da mística, no congresso, é justamente o de eclodir qualquer suposta tentativa de neutralização da diferença, como seria possível dizer, portanto, que o próprio congresso, enquanto evento institucional voltado para a coesão do grupo, seja uma mística? Não se trata aqui, porém, de pensar no congresso a partir do que ele *deveria ser* do ponto de vista da oficialidade pretendida por determinados grupos hegemônicos dentro da agroecologia, mas sim do que ele *é* quando ganha vida a partir dos corpos e afetos em ação. Ou seja, não se trata de evocar o evento idealizado pelo diálogo de saberes, mas sim de dar visibilidade às rupturas e às contradições tão bem evidenciadas pela mística. Nesse sentido, sim, talvez se possa dizer que o CBA seja, ele mesmo, uma grande mística.

ainda que exista o sonho da harmonia na heterogeneidade, *na prática*, o CBA se conforma enquanto palco de disputas e evidenciação da diferença. Dessa maneira, talvez seja impossível falar em uma comunidade agroecológica *stricto sensu*.

Foucault (1987, p.209) diz: “[...] O saber não é o canteiro epistemológico que desapareceria na ciência que o realiza. A ciência (ou o que passa por tal) localiza-se em um campo de saber e nele tem um papel, que varia conforme as diferentes formações discursivas e que se modifica de acordo com suas mutações”. Dessa forma, é preciso, antes de buscar qualquer sentido de comunidade agroecológica ou delimitações do gênero, tentar compreender o campo epistemológico, o a priori histórico, ou a *epistémê*, conforme Foucault (2016), sobre a qual a agroecologia se constitui, e nesse sentido, os exemplos aqui trabalhados sugerem fortemente que as condições de possibilidade dessa ciência e movimento social se dão na convergência entre a crítica à racionalidade moderna e no sonho de outros mundos possíveis, onde os diferentes saberes e afetos também possuam o seu lugar.

### Considerações finais

O problema todo do diálogo de saberes agroecológico se principia a partir do momento em que essa ciência é confrontada com o que ela – e talvez todas as demais disciplinas, como nos mostra Beck – é, ou seja, um campo político em plena disputa. A reflexividade presente na agroecologia, provavelmente apenas de maneira mais explícita do que nas demais, traz à tona o quanto a ciência opera, nos dias de hoje, a partir de múltiplas pressões que visam ditar os rumos a serem seguidos. Ao lutar pelo protagonismo político dentro da agroecologia, os movimentos sociais provocam toda uma agenda que tem como principal argumento a contraposição ao agronegócio. Não é para menos. Como a mística do CBA expôs, existe um perigo sempre à espreita de que a agroecologia e todo o seu potencial revolucionário acabe nas mãos do *inimigo*. É preciso dar essa cara de povo para a agroecologia, e é aí, precisamente, que a mística encontra o seu lugar.

A mística trouxe ao palco aquele mesmo povo que, de outra maneira, poderia ser compreendido apenas como objeto e não como sujeito do conhecimento. O recurso utilizado – o teatro invisível – não permitiu que a mística fosse um momento de celebração protocolar, desses que a litania acadêmica vez ou

outra exige nos seus rituais. Pelo contrário, a mística revela que as relações intersubjetivas presentes na agroecologia são muito menos harmoniosas do que o diálogo de saberes sugere. Porém, é na multiplicidade de vozes e de sujeitos que, talvez, exista alguma chance de *desconstrução* e de formulação de uma nova gramática social, e, nesse sentido, a mística, no contexto do congresso agroecológico, abre espaço para aqueles que raramente sobem ao palco.

Por fim, não se trata de dizer que o diálogo de saberes agroecológico não exista, mas sim de acrescentar à sua tese principal um grau a mais de complexidade, ou seja: o diálogo de saberes agroecológico opera não apenas sob os signos da compreensão e da complementaridade, mas também da tensão e do embate. Nesse sentido, uma visada sobre o CBA, pensado enquanto uma grande mística, pode fornecer vivo exemplo do quanto os sujeitos estão a todo momento negociando, impondo, resistindo e criando novas estratégias para lidar com a diferença.

## Referências bibliográficas

AGUIAR, Vilenia V. P. Mulheres Rurais, Movimento Social e Participação: reflexões a partir da Marcha das Margaridas. **Política e Sociedade**. v. 15, Edição Especial. Florianópolis, 2016.

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Editora 34, 2011.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

BOGO, Ademar. **Arquitetos dos sonhos**. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

BORSATTO, Ricardo S.; CARMO, Maristela S. A Agroecologia como um campo científico. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.8, n.2, p. 4 -13, 2013.

CALDART, Roseli S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CAPORAL, Francisco R.; COSTABEBER, José A.; PAULUS, Gervásio. Agroecologia: Matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável. In: CAPORAL, Francisco R. (Org.). **Agroecologia: uma ciência do campo da complexidade**. Brasília: Dos Autores, 2009. p.65 - 104.

COELHO, Fabiano. É preciso fazer a mística: o forjar de uma identidade coletiva sem-terra. **Dimensões**, v. 26, n.1, p. 325 - 349, 2011.

DE' CARLI, Caetano. O discurso político da agroecologia no MST: O caso do Assentamento 17 de Abril em Eldorado dos Carajás, Pará. **Revista Crítica de Ciências**, v. 100, n.1, p. 105–130, 2013.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, v.1, n.13, p. 155 – 161, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense–Universitária, 1987.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas**. Uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

GERHARDT, Cleyton H. Tautologia e retórica messiânica da “Transição agroecológica” na “Nova extensão rural”. **Revista Extensão Rural**, v.21, n.3, p. 9–43, 2014.

GLIESSMAN, Stephen R. **Agroecología: procesos ecológicos en agricultura sostenible**. Turrialba: CATIE, 2002.

GUBER, Rosana. **La etnografía, método, campo y reflexividad**. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2001.

LEFF, Enrique. Agroecologia e saber ambiental. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v.3, n.1, p. 36 – 51, 2002.

MST. **Agroecologia, saúde e mulher**. Disponível em: <[http://www.mst.org.br/2018/10/30/agroecologia-saude-e-mulher.html?fbclid=IwAR2OVIOloBsvnWdVyCrs895H9HdygTki4\\_YliS11a4UFRd62n4\\_AG7VbWUk](http://www.mst.org.br/2018/10/30/agroecologia-saude-e-mulher.html?fbclid=IwAR2OVIOloBsvnWdVyCrs895H9HdygTki4_YliS11a4UFRd62n4_AG7VbWUk)>, Acesso em: 06 dez. 2018.

PRADO, Fellipe S. Hegemonia do Agronegócio e Representação Patronal: Kátia Abreu fusão de liderança política e corporativa? **Revista IDeAS**, v. 10, n. 1, p. 88 – 116, 2018.

RIBEIRO, Gustavo L. Gramsci, Turner e Geertz: O Fim da Hegemonia do PT e o Golpe. **Revista de Antropologia da UFSCar**, v.8, n.2, p. 11 – 18, jul/dez 2016.

SANTOS, Amaury S.; CURADO, Fernando F. **Perspectivas para a Pesquisa Agroecológica: Diálogo de Saberes**. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2012.

SEVILLA-GUZMÁN, Eduardo. Uma estratégia de sustentabilidade a partir da Agroecologia. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v.2, n.1, p. 35 – 45, 2001.

SOUSA, Iara F.; GARAVELLO, Maria E. P. E. O diálogo de saberes na extensão rural. **Cadernos de Agroecologia**, v.10, n.3, p.??, 2015.

TURNER, Victor. **Do Ritual ao Teatro: a seriedade humana de brincar**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

\_\_\_\_\_. **O Processo Ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis– RJ: Vozes, 2013.